

DISCURSO 1.º DE MARÇO – DIA DA UNIVERSIDADE PRESIDENTE EM EXERCÍCIO DO CONSELHO GERAL

É para mim um imenso privilégio, imbuído de emoção, poder usar da palavra nesta Sala Grande dos Atos, onde há muitos anos estive como candidato para a obtenção do grau de Doutor e do título de Agregado e depois como membro do júri de muitas provas académicas, no dia em que a nossa Universidade comemora 735 anos de vida.

Esta Sala é um lugar único que simultaneamente intimida e instila destemor. Neste dia de aniversário e de celebração admirei, como frequentemente o faço, todo este magnífico património, a amplitude do Pátio, a alvura esmerada dos edifícios que nos inunda de luz e dá uma sensação de paz, o cuidado cromático dos telhados que os abrigam.

Quando comentamos a beleza do património edificado de universidades onde nos encontramos em alguma conferência, uma colega americana já divertidamente me fez notar várias vezes que eu invariavelmente remato as minhas apreciações com “sim, mas em Coimbra é mais bonito!”.

É verdade, sinto um indisfarçável orgulho desde que um dia em 1978, ia o Outono adiantado, desci do comboio da Lousã na estação do Parque, subi a Couraça, entrei atrasado na primeira aula de Álgebra Linear e Geometria Analítica no edifício da Matemática e no fim fiquei a admirar os painéis de Almada Negreiros no átrio de entrada percebendo que a arte e a ciência são duas formas da procura do belo.

E está tudo muito mais belo, mais harmonioso hoje. A inscrição na lista do Património Mundial da UNESCO traz-nos responsabilidades acrescidas que

estou seguro saberemos honrar, transmitindo-o enriquecido às gerações vindouras.

Uso da palavra como presidente em exercício do Conselho Geral na sequência das eleições realizadas em meados de Dezembro de 2024. Esta minha tarefa terminará na reunião do próximo dia 10 de Março, quando tomarão posse os elementos externos cooptados e será eleito/a o/a presidente, nos termos da lei e dos estatutos. As reuniões já efetuadas do colégio dos eleitos culminaram com a cooptação de dez personalidades de reconhecido mérito nas suas áreas de intervenção que, com o seu saber e a sua experiência, nos ajudarão na prossecução da nossa missão estatutária.

Em nome da Universidade de Coimbra, agradeço a Dulce Neto, Fernanda Fragateiro, João Saavedra de Almeida, José Manuel Portugal, José Viterbo, Magda Robalo, Maria da Glória Garcia, Mário Campolargo, Peter Villax e Vitória Abreu terem aceite o convite para fazerem parte do Conselho Geral da nossa Universidade. Estou certo que a sua competência e dedicação trarão contributos valiosos aos trabalhos do Conselho Geral e à afirmação da Universidade de Coimbra.

2

Revisitemos os nossos estatutos, alvo de um processo de revisão durante o último mandato. Regressemos às definições iluminadoras, precisamos de as reler como âncoras de princípios essenciais num mundo em que as turbulências se agudizam e ganham interações imprevisíveis, num movimento browniano que parece emaranhar causas e consequências. *For the times they are a-changin'*

No respeito pela sua matriz fundadora, a Universidade de Coimbra é uma instituição de criação, análise crítica, transmissão e difusão de cultura, de

ciência e de tecnologia que, através da investigação, do ensino e da prestação de serviços à comunidade, contribui para o desenvolvimento económico e social, para a defesa do ambiente, para a promoção da justiça social e da cidadania esclarecida e responsável, e para a consolidação da soberania assente no conhecimento.

Temos o dever de contribuir para a difusão e a compreensão pública da cultura humanística, artística, científica e tecnológica, assim como para a transferência de conhecimento e sua valorização social e económica.

Vejo o Conselho Geral como um lugar de diálogo construtivo e de supervisão das direções estratégicas que contribuam para a afirmação e reforço da Universidade de Coimbra, pautando-se pela lealdade institucional, com sentido crítico e com respeito pela separação e complementaridade de poderes prevista na arquitetura de governo das universidades definida pelo RJIES, o Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior. A proposta de reforma do RJIES recentemente aprovada em Conselho de Ministros e submetida à Assembleia da República encerra desafios importantes ao permitir a evolução e flexibilização do sistema binário, refletindo a aproximação que se tem verificado nos últimos anos entre subsistemas universitário e politécnico e a conversão de institutos politécnicos em universidades politécnicas e de universidades politécnicas em universidades. Mantendo elementos externos à academia no Conselho Geral, esta proposta em debate estabelece a eleição direta do Reitor, de entre dois candidatos selecionados pelo Conselho Geral, aberta à comunidade, de modo ponderado.

Sei que neste mandato o Conselho Geral continuará atento:

- Ao reconhecimento nacional e internacional da Universidade de Coimbra como uma Universidade de investigação presente em múltiplas frentes da ciência e da tecnologia, das humanidades e das ciências sociais;
- À reorganização dos saberes com possível impacto no atual desenho das unidades orgânicas;
- Ao nosso riquíssimo património (edificado, artístico, documental, bibliográfico, científico, botânico e intangível) e à preocupação de conciliar a preservação exigida pelo estatuto de Património da Humanidade com a fruição pública e a rentabilização financeira;
- À intervenção nos debates nacionais sobre políticas públicas, ciência e investigação, contrariando uma visão bipolar do país a que muitas vezes assistimos.

Para além do trabalho em plenário, o Conselho Geral tem oferecido um extenso labor de documentos de reflexão e de realizações públicas por parte das comissões especializadas, entre as quais as de ensino e de investigação, de cultura, património, cidadania e desporto, de inovação, serviço e relação com a comunidade, incluindo a organização do evento Inovação@UC e de outros encontros sobre investigação, ensino, cultura, património, desporto.

Permitam que as minhas palavras finais sobre o Conselho Geral sejam de um sentido reconhecimento público ao Norberto Pires e ao Cesário Silva, membros do Conselho Geral no anterior mandato, cujas mortes violentas e inesperadas nos privaram da energia e vivacidade que os caracterizava nos debates e nas realizações, na vida da academia onde tinham um horizonte largo de contributos para dar.

Em tantas latitudes, vivemos tempos de desumanidade que nos assaltam os sentidos, nos comprimem o coração, nos estilhaçam a razão. Precisamos tornar viva a síntese inspiradora da Carta Encíclica *Pacem in Terris* de João XXIII quando escreve que “a Paz entre os povos exige: a verdade como fundamento, a justiça como norma, o amor como motor, a liberdade como clima”. Precisamos de inconformismo, precisamos de um cada vez mais forte sentido de propósito reiterando os valores da civilização e da paz.

Ninguém é uma ilha, a Universidade não é uma ilha.

Não podemos aceitar que mecanismos básicos de transação ocupem o lugar dos princípios. Não podemos aceitar ter planos de negócio onde precisávamos de planos de paz justa e duradoura, de respeito pelo outro e pelo lugar do outro.

É preciso estremecer quando vemos, ouvimos e lemos, portanto, não podemos ignorar a necessidade torrencial de investimento em armas, apresentado como contraponto à redução, e aqui já são gastos, em saúde, educação, cultura e ciência.

Dos desafios com que nos confrontamos na nossa atividade como docentes e investigadores, penso que é mais ou menos consensual eleger o papel da Inteligência Artificial, e dos Large Language Models em particular, em múltiplos domínios dos quais quero referir os processos de ensino-aprendizagem (incluindo na avaliação), a investigação, a interação com a sociedade. Muitos LLMs passaram no teste de Turing.

Os LLMs podem servir como tutores virtuais, oferecendo explicações, exemplos e esclarecimento de dúvidas em tempo real, de maneira personalizada, 24 horas por dia. Os LLMs podem servir para criar materiais didáticos, permitindo um foco maior no desenvolvimento de atividades

interativas. Os LLMS têm um papel na facilitação do acesso à informação, promovendo uma aprendizagem mais autónoma. Os LLMs podem incentivar os alunos a pensar criticamente confrontando argumentos.

Mas, como todas as tecnologias, comportam riscos. A confiança excessiva em LLMs para resolver problemas pode prejudicar o desenvolvimento de capacidades cognitivas, como a resolução autónoma de problemas e a reflexão crítica. A facilidade de obtenção de respostas pode comprometer a integridade académica. A falta de sensibilidade contextual pode gerar a resposta aparentemente correta para o problema errado porque se perdeu a nuance decisiva ou a interpretação mais profunda de um contexto complexo.

Para aproveitar os benefícios dos LLMs no ensino superior, é essencial que as instituições de ensino, os professores e os alunos adotem uma abordagem equilibrada, incentivando o desenvolvimento de capacidades críticas e analíticas, num contexto informado por normas sobre o uso ético destas tecnologias.

Caro Herman, permita-me que o trate assim. Afinal, entrou-me em casa todas as semanas durante tantos anos. Obrigado pela visão simultaneamente iconoclasta, terna e crua de Portugal, pela dimensão profundamente humanista do seu humor, em que é impossível não sentir afeição por tantas personagens tão impregnadas de tiques, de pequenos ridículos, de comportamentos e ditos tão pouco exemplares, tão hipérboles de tantos momentos de nós. Quem nunca se cruzou com o egocentrismo do professor doutor Oliveira Casca, com a vulgaridade irresistível e trapaceira do José Esteves, com a hipocrisia indisfarçável do Diácono Remédios e tantas personagens que encontrámos ao longo da vida e que pensámos que

existiam apenas na imaginação criativa do Herman e nas nossas memórias televisivas?

Não sei se os Large Language Models serão de grande utilidade no humor. Eu tentei e as piadas saíram muito desajeitadas, provavelmente fruto da minha falta de domínio da nova disciplina de *prompt engineering*. Ou como escreveu o professor da University College Dublin Tony Veale no seu livro “Your Wit Is My Command: Building AIs With a Sense of Humor”, as explicações estão para as piadas como as autópsias estão para os cadáveres: se o sujeito não estiver já morto, estará em breve”.

Termino reafirmando a minha convicção que o estudo, a experiência, a reflexão, a criatividade, o entusiasmo da descoberta e o prazer de a comunicarmos aos outros, de a podermos transformar em valor (que está sempre para além do seu possível valor monetário) são insubstituíveis.

7

Estamos sobre os ombros de gigantes para podermos ver mais longe, mas até ao ponto em que se diz, como escreveu o físico Carlo Rovelli, “Não, isto não está certo”, em que se desafia o conhecimento recebido. Ou como disse D. José Tolentino de Mendonça, que recebeu o Prémio Universidade de Coimbra, “o grande desafio é, em cada dia, voltar a olhar tudo pela primeira vez, deslumbrando-se com a surpresa dos dias; é reconhecer que esse instante que passa é a porta por onde entra a alegria.”

Como no poema Ítaca do poeta grego Konstantínos Kaváfis, que me fascina desde que num dia suave de dezembro em Atenas o ouvi declamado pelo timbre profundo e o sotaque escocês inconfundível de Sean Connery, a maior riqueza está no que aprendemos e vivemos ao longo da nossa travessia. Quando chegamos à nossa Ítaca, podemos perceber que ela é

modesta e simples, mas estaremos mais ricos com tudo o que vivemos. Ítaca deu-nos o impulso para partir e explorar, para aprender durante a viagem longa da vida, plena de aventuras e de experiências.

Muito obrigado e muitos parabéns à Universidade de Coimbra, a todos nós.

Carlos Henggeler Antunes